



Sistema de
Bibliotecas
UFMG

Conexão Biblioteca

Boletim Informativo do Sistema de Bibliotecas da UFMG | Ano 7 . Nº 22 | Agosto . Setembro de 2018

Engajar-se no mundo pela palavra e pela educação

Atenção aos discursos de Angela Davis
Página 02

Bibliotecas no combate às
notícias falsas
Página 03

A inconfidência nos anos de chumbo
Página 06

Ativismo político-social nas
bibliotecas universitárias
Página 08

Às vésperas das eleições, convidamos você a refletir sobre seu lugar de fala e ação no contexto político atual, entendendo por política todas as questões em voga na sociedade. Tendo em vista esse cenário, a matéria de capa do “Conexão Biblioteca” traz reflexões sobre LITERATURA e EDUCAÇÃO como ferramentas para ampliar nosso espaço de atuação e luta.

A editoria “Na Estante” retrata o engajamento da escritora Angela Davis em questões como feminismo, raça e classe. Em “Dose de Literatura”, o tema liberdade é destacado nas entrelinhas do “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles. Esse mesmo tema perpassa o filme “Os Inconfidentes” – dica do “Cinema pra ler” – que, ao retratar a conspiração contra as imposições da coroa portuguesa, apresenta uma crítica à repressão vivenciada durante a ditadura.

Os anos de chumbo também marcaram o início do Festival de Inverno da UFMG, cujos materiais de divulgação estão disponíveis para consulta no setor de Obras Raras. A editoria “Especial” apresenta mais informações sobre o assunto.

Liberdade de expressão e lugar de fala não podem ser confundidos com espaços para disseminar notícias falsas, por isso, na página 3, é destacado o papel das bibliotecas no combate às *fake news*. E na página 7, é apresentada uma das ferramentas de pesquisa oferecidas pela Biblioteca Universitária para a busca de fontes confiáveis de informação. Por fim, o ativismo político nas bibliotecas é destaque da editoria “Reflexões”.

Boa leitura!

Carla Pedrosa
Jornalista da Biblioteca Universitária

Atenção aos discursos de Angela Davis



Precisamos entender: não há mais espaços para segregação. E isso não significa ignorar diferenças, significa compreender que, nessas diferenças – de raça, gênero, idade, credo – nos encontramos e nos aperfeiçoamos enquanto sociedade.

Não desvalorizo as lutas ainda necessárias para desconstruir preconceitos, mas apresento um olhar positivo frente às conquistas de espaços na política, educação, cultura, por grupos segregados em nossa sociedade. Visão otimista que a escritora, professora e filósofa Angela Davis também mantém na obra “Angela Davis – mulheres, raça e classe”.

Enquanto ativista, Davis traz um panorama das lutas vivenciadas pelas mulheres negras desde o período da escravidão até o debate, articulado na metade do século 20, a respeito das tarefas domésticas. E no entremeio, a filósofa detalha as cruéis recriminações do período de lutas abolicionistas nos EUA, as tentativas de unificação em prol dos direitos das mulheres e o movimento sufragista.

Ao lermos relatos históricos e preconceitos sofridos por mulheres negras nos Estados Unidos, torna-se difícil não querer falar sobre. Angela Davis é enfática, ao denunciar os erros cometidos no passado contra a população negra, e acolhedora, por traçar um caminho para mudança. Após o exercício de ‘ouvir’ sua obra, surge a necessidade de falar, a fim de manter os fatos abordados por Angela Davis audíveis.

Mariana Arantes
Programa de pós-graduação
em Literatura

Esse é o seu espaço!

Compartilhe uma sugestão de leitura enviando um e-mail para:

comunicacao@bu.ufmg.br

BIBLIOTECAS NO COMBATE ÀS NOTÍCIAS FALSAS

As recentes discussões sobre notícias falsas – *fake news* – têm reforçado a necessidade de se pensar o papel das bibliotecas – e de outras instituições – na formação de pessoas aptas a lidarem com a informação de maneira crítica e responsável.

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) aponta que o papel dos profissionais que atuam nessas organizações é, justamente, “educar e defender o pensamento crítico – uma habilidade crucial quando se navega na sociedade da informação”. Pensando nisso, a IFLA elaborou um infográfico, traduzido para mais de trinta idiomas, informando oito passos para descobrir a veracidade de uma notícia.

Além de divulgar essa iniciativa da IFLA, Kátia Lúcia Pacheco, diretora da Biblioteca Universitária, enfatiza a importância de os bibliotecários atuarem de maneira mais próxima aos usuários e à comunidade em geral, capacitando-os na utilização de fontes confiáveis de informação. “Os bibliotecários de referência atuam muito nesse sentido de dar apoio não só à pesquisa científica, mas também à busca e validação de informações em geral oferecidas em sites de notícias, jornais, revistas e outros meios. O papel deles é, sobretudo, reforçar a importância de se buscar fontes de informação primárias e confiáveis, checando sempre a veracidade das publicações antes de disseminá-las”.

Créditos: **International Federation of Library Associations and Institutions (Tradução: Denise Cunha)**

COMO IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS?

CONSIDERE A FONTE
Clique fora da história para investigar o site, sua missão e contato.

LEIA MAIS
Títulos chamam a atenção para obter cliques. Qual é a história completa?

VERIFIQUE O AUTOR
Faça uma breve pesquisa sobre o autor. Ele é confiável? Ele existe mesmo?

FONTES DE APOIO?
Clique nos links. Verifique se a informação oferece apoio à história.

VERIFIQUE A DATA
Repostar notícias antigas não significa que sejam relevantes atualmente.

ISSO É UMA PIADA?
Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise sobre o site e o autor.

É PRECONCEITO?
Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento.

CONSULTE ESPECIALISTAS
Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação gratuito.

Dose de Literatura

Trecho do Romanceiro da Inconfidência (1953)

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
— e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.
“Que estão fazendo, tão tarde?
Que escrevem, conversam,
pensam?
Mostram livros proibidos?
Lêem notícias nas Gazetas?
Terão recebido cartas
de potências estrangeiras?”
(Antiguidades de Nimes
em Vila Rica suspensas!

Cavalo de La Fayette
saltando vastas fronteiras!
Ó vitórias, festas, flores
das lutas da Independência!
Liberdade – essa palavra,
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!)
E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Cecília Meireles



Rita Davis

ENGAJAR-SE NO MUNDO PELA PALAVRA E PELA EDUCAÇÃO

Carla Pedrosa

Jean-Paul Sartre defendia que a tarefa da literatura e dos escritores seria, por meio da palavra, se engajar no mundo. E esse engajamento teria como premissa um posicionamento perante as questões trazidas à tona por meio da linguagem. Eduardo de Assis Duarte, coordenador do Literafro, explica que, de fato, “toda palavra está marcada por sentidos políticos implícitos ou explícitos, a favor ou contra o *status quo*. Em geral, o texto explicitamente engajado põe em relevo as injustiças sociais, a exploração do trabalho e as discriminações de toda natureza”.

O Literafro – portal da literatura afro-brasileira é fruto do trabalho do grupo de pesquisa “Afrodescendências na Literatura Brasileira”, constituído em 2001 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, da Faculdade de Letras da UFMG. Para saber mais, acesse:

www.lettras.ufmg.br/literafro

Em termos de iniciativas que vão de encontro à realidade dominante, no circuito literário brasileiro há várias frentes de resistência, como a literatura negra ou afro-brasileira. Dentro dessa perspectiva, escritores como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus se destacam na **denúncia do preconceito racial** no Brasil. Há também escritoras voltadas para a construção do protagonismo feminino e para a **denúncia da opressão de gênero**, como Lygia Fagundes Telles, Djamilia Ribeiro e Marina Colasanti. E, ainda, produções que questionam

No dia 18 de junho deste ano, Conceição Evaristo confirmou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras (ABL). Uma petição on-line foi criada em apoio à eleição da autora e já contava, na época da candidatura, com mais de 20 mil assinaturas. Aos 71 anos, a escritora mineira pode ser a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na ABL.

o circuito literário estabelecido e trazem falas e vozes de sujeitos silenciados, além de abordarem questões como a busca pelo reconhecimento da homoafetividade.

Os temas abordados pelas frentes de resistência não são retratados, necessariamente, de forma isolada e, por vezes, estão imbricados nas obras. Djamilia Ribeiro, ativista e mestre em filosofia política, por exemplo, questiona, no livro “O que é Lugar de Fala”, quem tem direito à voz numa sociedade que tem como norma a branquitude, masculinidade e heterossexualidade.

“Existe uma hierarquia forte na sociedade. Nem todos os grupos têm os mesmos acessos à fala e existência em determinados espaços, sobretudo nos espaços de poder. É importante falar sobre esse assunto para desnaturalizar isso, para as pessoas entenderem que esses privilégios foram construídos à base de opressões de outros grupos e que não são algo natural, um direito divino”, afirmou Djamilia em entrevista ao programa Expresso 104,5, da Rádio UFMG Educativa.

A literatura constitui importante lugar de fala e meio para empoderar outras vozes e **romper com o discurso hegemônico** sobre o mundo. No entanto, ainda é um espaço para poucos. “Dominar essa ferramenta (a escrita) é um ato revolucionário por si só, por isso há todo um esforço para que determinadas pessoas – pobres, negras, periféricas, mulheres – não escrevam e, se escreverem, não sejam lidas e, se forem lidas, não sejam reconhecidas como escritoras”, explica a pesquisadora Regina Dalcastagné, da Universidade de Brasília. Na UFMG,

ela abordou o tema na palestra “Por que eles querem se calar: sobre golpe, pesquisa e literatura”, ministrada na Faculdade de Letras em abril deste ano.

Regina enfatiza que, além das iniciativas dos coletivos de escritoras, escritores e de pequenas editoras para manter abertos os espaços de publicação, é necessário que os professores e críticos literários, juntos com seus estudantes e orientandos, também estabeleçam frentes de resistência “ao próprio conceito de literatura, ao enquadramento que damos ao literário, ao que aprendemos ser o bom, o belo, o correto, o legítimo, à nossa tendência de excluir tudo aquilo que escapa desses contornos pré-estabelecidos”, pontua. Além disso, Regina enfatiza que é preciso ampliar o acesso à **diversidade literária** e isso só é possível por meio de uma educação de qualidade desde os primeiros anos de ensino, dando-se o devido valor a todas as áreas do conhecimento, sobretudo à História, Antropologia, Sociologia e Filosofia, que oferecem um arcabouço fundamental para essas reflexões.

Eduardo de Assis também reforça que a literatura será, de fato, uma ferramenta de ação que inspira movimentos de massas e lutas por avanços na sociedade, se caminhar lado a lado com **investimentos em educação** para despertar, sobretudo, os jovens anestesiados pelas grandes mídias. “As novas gerações preferem telas e telinhas ao prazer de ter o livro nas mãos. Não podemos nos iludir a esse respeito. O que vai **libertar as massas da ignorância política e da hegemonia midiática** que a fomenta é a educação. Enquanto não tivermos uma educação que propicie **acesso consistente à informação** e à constituição de uma consciência crítica, nada feito. Continuaremos votando em demagogos que exploram a falta de senso crítico de boa parte do eleitorado”.

Dito em outras palavras, se, como alertava Sartre, os escritores devem se engajar no mundo por meio da palavra, que a sociedade como um todo possa acessá-la, por meio da educação. Só assim terá a possibilidade de tomar posse do seu lugar de fala e, a partir dele, resistir e lutar contra todo e qualquer meio de opressão.



INSPIRAÇÕES PARA ENGAJAR-SE NO MUNDO

VOZES-MULHERES
(Conceição Evaristo)

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recorre a todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

MAIS DICAS DE LEITURA

Ponciá Vicêncio (Conceição Evaristo)
Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica (Eduardo de Assis e Maria Nazareth)
Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus)
O que é Lugar de Fala (Djamilia Ribeiro)



A inconfidência nos anos de chumbo

Filme lançado em 1972, “Os Inconfidentes”, de Joaquim Pedro de Andrade, burlou a censura dos anos de chumbo no Brasil, abordando um tema histórico – Inconfidência Mineira – para trazer reflexões sobre a ditadura. Ao retratar a mão de ferro da coroa portuguesa, apresentou, metaforicamente, uma crítica ao regime ditatorial que vigorou no Brasil de 1964 a 1985. E ao destacar figuras centrais da Inconfidência, como Tiradentes, reforçou o que seria o ideal de militância contra a opressão vivenciada. Baseado nos “Autos de Devassa”, que condenaram os inconfidentes à morte, o filme é entremeado por versos de Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa, e pelos diálogos do “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles.

Imagem de divulgação

Especial

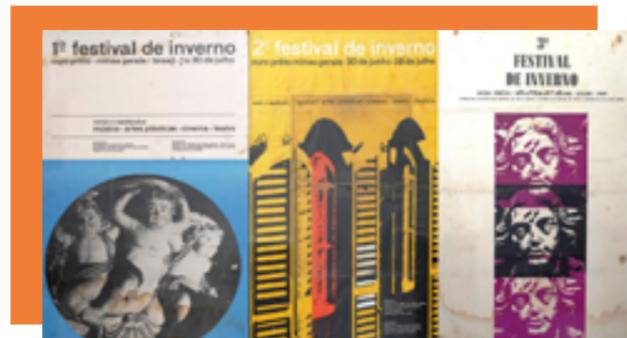
MAIS DO QUE UM FESTIVAL

“Apesar de você”, de Chico Buarque, e “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, estão entre as canções de resistência que conseguiram burlar a censura do regime ditatorial no Brasil. Filmes, peças teatrais e alguns eventos artísticos seguiram esse mesmo movimento. Organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais, o Festival de Inverno, por exemplo, iniciou suas atividades em 1967, em plena ditadura militar, na cidade de Ouro Preto, berço da Inconfidência Mineira.

“O Festival surgiu em um momento extremamente difícil da vida brasileira. Hoje, olhando já com a perspectiva da distância, eu me espanto até que ele tenha surgido porque, numa época de extrema repressão em que todas as manifestações eram silenciadas, o governo permitir que houvesse um festival aberto a várias coisas era realmente propiciar oportunidade de crítica e de debates que o governo procurava impedir de toda maneira”,

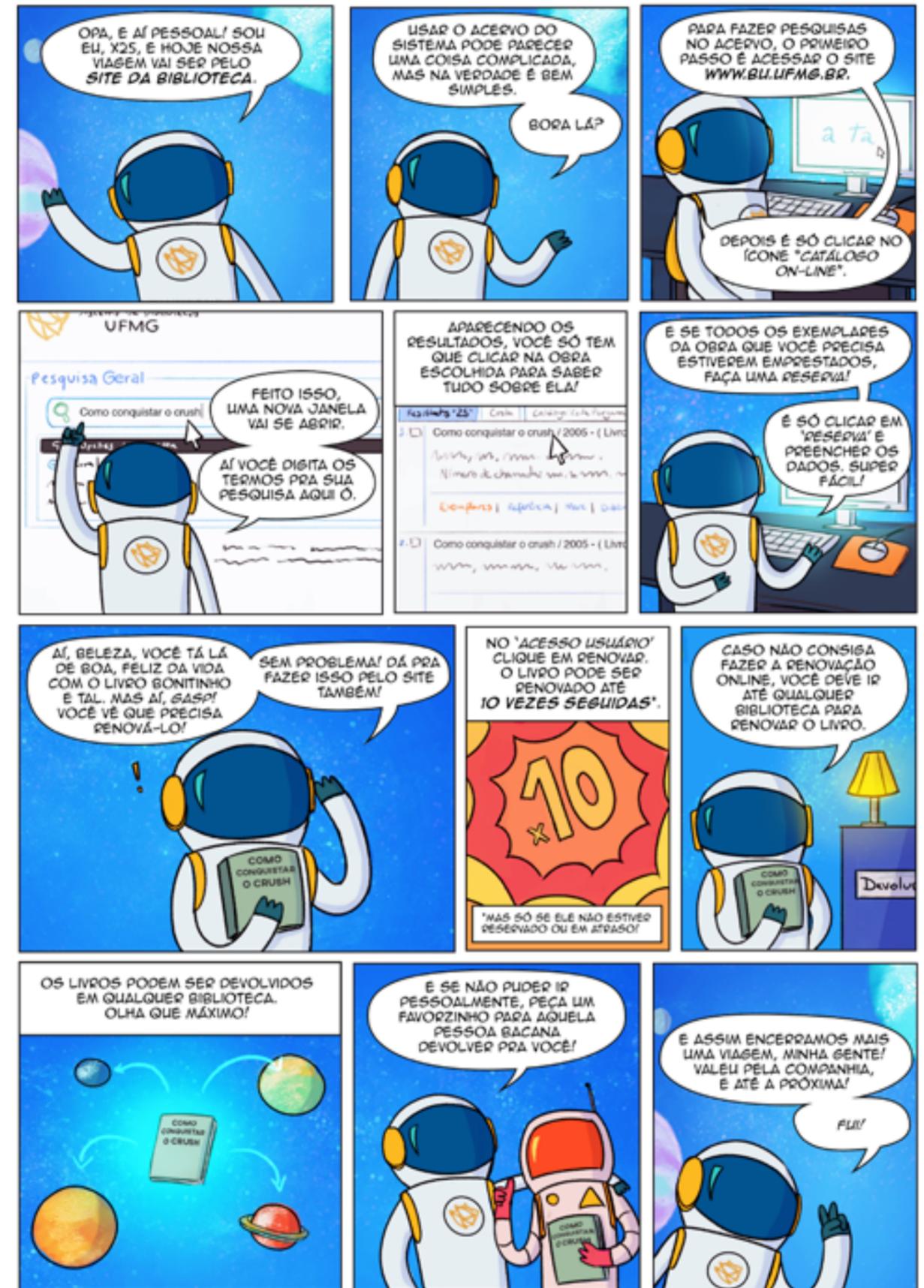
afirmou o historiador Francisco Iglesias no videodocumentário “20 anos de Festival”, dirigido por Silvino José de Castro em 1988.

Esses e outros depoimentos e informações sobre o Festival podem ser conferidos na tese “20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986”, de Fabrício Fernando. O trabalho está disponível na Biblioteca Digital da UFMG, no site www.bu.ufmg.br



Arquivo UFMG

Também é possível conhecer um pouco mais sobre o contexto de realização do evento por meio dos cartazes e outros materiais do Festival disponíveis para consulta na Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras, no quarto andar da Biblioteca Central. Para saber mais, entre em contato pelo telefone: (31) 3409-4615.



Camilla Pawlowski

Ativismo político-social nas bibliotecas universitárias



Universidade Católica de Salta

Mestre em Bibliotecologia Social pela Universidade de Buenos Aires, o professor Julio Díaz Jatuf falou sobre o papel dos bibliotecários na defesa da democracia e dos direitos humanos.

(CARLA PEDROSA) – A Bibliotecologia Social é uma disciplina sobre as práticas informacionais que levam em conta a realidade social, histórica e política do seu entorno. Qual é o papel dos profissionais das bibliotecas nesse contexto?

(JULIO DÍAZ JATUF) – A Bibliotecologia Social é a visão que o profissional da informação deve ter, no local onde se encontra, a partir de seu ativismo em favor das comunidades vulneráveis. Estabelecer um lugar de intervenção nas bibliotecas universitárias passa pela seguinte reflexão: qual é a comunidade vulnerável em minha universidade, em termos de necessidades informacionais? Por exemplo, na Biblioteca da Faculdade de Odontologia onde eu trabalho, percebemos a necessidade de produzir materiais informativos para a comunidade que recebe assistência dentária. E essa é a forma de transformar a realidade social: identificar a comunidade vulnerável, suas necessidades informacionais e planejar serviços para solucioná-las.

(CARLA) – A Agenda 2030 da ONU propõe justamente pensar ações orientadas para o desenvolvimento sustentável na saúde, educação e meio-ambiente. Diante dos escassos recursos financeiros nas universidades, quais ações podem ser promovidas?

(JULIO) – Mesmo com poucos recursos, podemos realizar algumas ações. O profissional que faz políticas em defesa de nossos interesses em um grêmio está fazendo Agenda 2030. Aquele que acompanha povos indígenas em defesa de seus

territórios, da preservação de sua língua e cultura, também está fazendo Agenda 2030. O Brasil é um país grande e rico culturalmente. São os bibliotecários que têm que ir à luta para preservar a memória e garantir o acesso à informação. E esse acesso deve beneficiar a comunidade em geral e não interesses particulares. Digitalizar revistas acadêmicas é muito importante para dar visibilidade ao que tem sido produzido na universidade, mas é necessário preservar também a memória popular. Quais são as revistas publicadas em comunidades periféricas, publicadas por mulheres negras, povos indígenas? Onde posso consultá-las? O acesso aberto é um megafone muito útil quando é sinônimo de inclusão, diversidade, participação comunitária, pesquisa relacionada ao conhecimento científico e popular.

(CARLA) – Além de questões sociais, a Bibliotecologia também leva em conta o contexto político. No Brasil, estamos passando por um período de ameaças à democracia e aos direitos humanos. Como os bibliotecários podem contribuir para o enfrentamento dessas situações?

(JULIO) – Com informação e conhecimento. Na época da ditadura, muitos bibliotecários desapareceram na Argentina porque colocaram seus corpos em defesa do conhecimento. Em uma universidade argentina, os militares perguntaram: “onde estão as armas?”. O reitor respondeu: “nas bibliotecas”. De fato, as verdadeiras armas são informação e conhecimento, postos à disposição das comunidades mais vulneráveis, gerando espírito crítico. Nós, bibliotecários, temos que ser ativos politicamente, compartilhando nosso conhecimento. Torço pelo Brasil e por sua gente, para que lute e defenda a democracia, os direitos humanos e a profissão de bibliotecário, que é uma janela para o mundo e para a vida.

Essa é a tradução de parte da entrevista publicada originalmente em espanhol na revista “Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas”, no site <https://www.bu.ufmg.br/rbu>

Expediente

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária – **Diretora:** Kátia Pacheco – **Vice-diretora:** Sindier Alves – **Projeto Gráfico:** Anna Luisa Cunha – **Diagramação:** Rita Davis – **Editora:** Carla Pedrosa (Reg. Prof. 0015822MG) – **Coordenador de Design:** Marcelo de Carvalho Borges – **Bolsistas:** Camila Pawlowski e Rita Davis – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 4000 exemplares – **Circulação:** bimestral – **Endereço:** Biblioteca Universitária – Assessoria de Comunicação Social: Av. Antônio Carlos, 6.627 / sala 212 - 2º andar, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Telefone:** (31) 3409-5521 – **Internet:** www.bu.ufmg.br e comunicacao@bu.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

IMPRESSO